

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA
Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.

110)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(JUNHO 8, 1839)



O CASTELLO DE S. JOÃO DA FOZ.

O Douro.

NA serra d'Orbion, não muito distante da cidade de Soria, na Castella-a-Velha, tem seu nascimento o Douro, que, saíndo d'uma grande lagôa, se despenha por alcantiladas penedias, e, depois de regar extensos campos, vem findar o seu curso de 120 leguas [segundo Nunes do Leão e o P.^o Poyares] juncto ao castello de S. João da Foz, onde fórma a barra da heroica cidade do Porto, que a todos os respeitos é a segunda do nosso reino. Em tão longa carreira atravessa a Castella-a-Velha, Leão, e a provincia do seu nome, fertilizando os arredores das cidades d'Aranda, Soria, Valhadolid, Osma, Toro, Çamora, Miranda, Lamego, e Porto: rega tambem os territorios de Medina del Campo, de Simancas, praça forte, onde tem uma famosa ponte, de Torresilhas com outra ponte de dez arcos, e o districto d'Almazen, povoado d'excellentes vinhas. Em Portugal corre tão rapido que não consente permanencia de pontes; e, além das cidades que dissemos, fecunda o solo, abundante em fructos, azeites, e vinhos, das villas e povoações de Freixo d'Espadacinta, de Torre de Moncorvo, de S. João da Pesqueira, de Provesende, de Mezãozinho, do Pezo da Regoa, de Pennajoia &c., até pagar ao Oceano o tributo de suas aguas, banhando as muralhas da fortaleza, de que apresentamos uma vista aos nossos leitores.

Vol. III.

tores. Muitos afluentes o engrossam no transitó; e os principaes são o Pisuerga, o Carrion, e o bem conhecido Tormes, na Hespanha; e em territorio portuguez o Cóa, o Tua, o Sabor, o Barroza, o Tamega, o Ferreira, o Sousa, sem contar outros de menos monta, e uma infinidade de ribeiros, que o fazem avultado. — Com o concurso de tantos auxilios é o Douro rio caudal, porém a natureza de suas margens asperas, fragosas, difficeis de cavar, e que por isso lhe estreitam o leito e violentam a corrente, faz com que seja contado em gráu inferior ao Tejo, que se dilata magestoso por campos livres e planos muito antes da sua embocadura. Comtudo o erudito Andre de Resende, no Liv. 2.^o das Antiguidades Lusitanas, é d'opinião contraria, afirmando que o Douro é mais copioso; e citando o antigo proverbio: *o Douro leva as aguas e o Tejo as nomeadas*, isto é, *a fama*. Accresce porém, contra aquelle, que a porção de seu leito salgado é mui limitada, ao passo que o Tejo é um vasto e extenso golpho, como ponderámos em o N.^o 108. — Seja o que for, ambos foram bem conhecidos da antiguidade; o cantor da guerra punica, Silio Italico, os intitula rivaes do famoso Pactolo, rio da Lydia, que, diziam, revolvía arêas d'ouro.

Hinc certant, Pactole, tibi Duriusque Tagusque.

Manuel de Faria e Sousa, commentando o logar

de Camões, cant. 6.^o est. 53, em que chama o *Douro celebrado*, diz assim: — “É o Douro celebrado, porque assim o publicam os antigos geographos, persuadidos da capacidade e frequencia do seu porto, do cabedal das suas aguas, e da bondade e copia do seu pescado, e, finalmente, das riquezas de suas aréas, pois também entre ellas se colhem grãos de ouro.” — Porém ainda que não só este, mas outros auctores graves, o digam, não nos consta que em nossos dias se tenha verificado esta ultima particularidade.

Sabe-se que alguns infundadamente asseveraram que a vista das aguas deste rio infundia melancolia, e causava dores de cabeça; mas pelo contrario, longe de serem perniciosas, são dotadas de virtude desobstruente, por causa da muita tamargueira, que cresce pelas margens; pelo que ha quem as inculque de proveitosas contra as opilacões do baço.

Não obstante a vehemencia da corrente, e as grandes cheias, a que o Douro é sujeito, e que já por vezes tem provocado horrorosas inundações, é navegavel na maior parte do anno, para mais de trinta leguas, a contar da foz, ainda até acima da Torre de Moncorvo, donde descem para o Porto barcos carregados com os generos da agricultura do paiz. Esta navegação está hoje mais desobstruida, porque em 1785 não passava do sitio do *Cachão*, a 20 leguas do Porto, proximo a S. João da Pesqueira, onde o rio ti-

nha uma grande queda, precipitando-se d'umas fragas altas e escarpadas, e impossibilitando totalmente o uso dos barcos, que se lhes não podiam aproximar. Pelos trabalhos, mandados fazer pela companhia das vinhas do Alto Douro, foram estes e outros obstaculos em grandissima parte removidos.

Resta-nos tractar da barra, foz, ou embocadura do Douro, ao que parecia obrigar-nos especialmente a nossa estampa. Todos sabem quanto é difficil d'entrar: um banco d'aréa variavel da banda de fóra, rochedos espalhados, baixos, restingas, as arrumações d'aréas, e as alteraçoes que produz cada inverno, a tornam summamente perigosa, e se não fosse o auxilio dos practicos, que residem na Foz, raros navios conseguiriam entrada; comtudo é esta barra a causa principal da opulencia do Porto, e o canal do commercio das tres provincias do norte do reino. Para dar cabal idéa tanto da localidade, como das obras de que carece, já permanentes, já filhas das circumstancias, seria necessario não só occupar largo espaço, mas também appresentar uma planta exacta da barra com as necessarias indicações; esta porém encontrará o curioso no Tom. 9.^o das Memorias da nossa Academia das Sciencias, em ponto grande, abrangendo da Foz até Quebrantões, com a escala appropriada em braças. Traçou-a o habil engenheiro, o Sr. Luiz Gomes de Carvalho, e acompanhou-a de uma memoria, em que depois de

estabelecidos os principios geraes para a restauração das barras dos portos formados nas fozes dos rios, se faz especial applicação delles ao melhoramento da barra do Porto. A base deste melhoramento é a egualação e collocação da margem esquerda a respeito da direita existente, por meio dos esforços da arte, para supprir e remediar os defeitos e desarranjos da natureza; por isso que = “a desigualdade das duas margens é o foco donde emanam todos os males que se soffrem na barra e foz.” =

O sitio da Foz é um lugar muito aprazível, e muito frequentado na estação dos banhos, tendo facil e prompta communicação, quer por mar quer por terra, com a cidade do Porto, donde dista obra de tres quartos de legua, pouco mais ou menos; a população deste lugar andarà por tres mil individuos. Na proximidade está collocado sobre uma altura o pharol de N.^a S.^a da Luz. Todas estas localidades devem estar bem presentes na memoria dos nossos leitores pelos felizes successos do cerco da Cidade Invicta.

A estampa que precede este artigo é copia de outra d'um jornal estrangeiro; é porém gravada por artista portuguez, e a damos como specimen do consideravel melhoramento que em breve tempo adquiriu entre nós a gravura em madeira, arte ha pouco desprezada, e que já hoje esperámos ver subir ao auge da perfeição.

CHRONOLOGIA.

V

(Veja-se a pag. 377 do antecedente vol.)

DISSEMOS no fim do antecedente artigo que Julio Cesar acabára com a confusão e desordem, em que por proprio interesse o collegio dos sacerdotes pozera o calendario romano. Como pontifice maximo tinha a seu cargo vigiar na conservação do calendario: por isso chamou, para o corrigir, Sosigenes, philosopho de Alexandria, e segundo outros, certo Marcio Flavio. Foi, portanto, no 4.^o consulado de Julio Cesar, no anno 709 de Roma e 45 antes de Christo, que se introduziu o novo calendario. Chamaram-lhe os romanos Juliano, em honra de seu auctor.

Cesar deixou ficar os mezes deseguaes, e até a serie irregular de 30 e de 31 dias. Parece que o fez para não offender as superstições dos seus contemporaneos. Póde-se tambem suppor que foi pelo mesmo motivo que deixou subsistir o abuso de começar o anno no 1.^o de Janeiro, que não corresponde a nenhuma epocha natural ou astronomica. Sabemos, porém, com certeza que foi para não offender os usos religiosos, que mandou que nos annos bissextos o dia de augmento fosse intercalado entre 24 e 25 de Fevereiro: esta extravagancia tinha por fundamento fazerem-se as intercalações sempre depois das festas *terminaes*, que se celebravam em honra das divindades protectoras dos limites.

O mez de *Quintilis* ficou-se d'alli ávante chamando *Julius*, e o de *Sextilis* conservou o nome até que a lisonja lhe poz o nome de Augusto [Agosto].

O auctor do anno juliano, crendo-o conforme com o curso do sol, suppunha que os quatro pontos cardaes caíriam annualmente a 25 de Março, a 24 de Junho, a 24 de Setembro, e a 25 de Dezembro. Mas já vimos que isto não era assim.

Para preparar a introdução do novo anno, Julio Cesar viu-se obrigado a dar uma fórma singular ao anno 708 de Roma. Não sómente lhe intercalou o mez *mercednius* de 23 dias, mas tambem 67 dias mais, para ajustar o anno civil com o curso do sol.

Estes 67 dias foram entre Novembro e Dezembro, distribuidos em dois mezes um de 33, outro de 34 dias. O *mercednius* não foi intercalado no fim d'um dos mezes, mas sim entre 23 e 24 de Fevereiro. O anno de 708 [da fundação de Roma] teve, portanto, 15 mezes, ou 445 dias, e é por isso, que, com razão, lhe chamam os historiadores o *anno da confusão*. O novo calendario começou no primeiro de Janeiro do anno seguinte, isto é, 45 antes de J. C. Agora fallaremos da divisão do mez entre os romanos, conhecimento importantissimo, para entender não só as datas dos antigos historiadores latinos, mas tambem muitos documentos ecclesiasticos e civis das nações modernas, que nelles se serviram das divisões dos mezes romanos, perpetuando-se o seu uso ainda até os nossos tempos nas inscrições lapidares.

O primeiro dia de cada mez chamava-se *kalendae* [calendas], porque neste dia um sacerdote proclamava o numero de dias que iam d'alli até as *nonas* [de *calare* convocar]. O setimo dia dos mezes de Março, Maio, Julho e Outubro, e o quinto dos outros chamava-se *nonae*, isto é o nono dia antes dos *idus* [idos] denominação que nos mezes de Março, Maio, Julho e Outubro, tinha o dia 15, e nos outros o 13.^o Deriva-se esta palavra do grego *idein*, ver; porque neste dia se via a lua cheia; ou da palavra etrusca *iduaré*, dividir; porque neste dia se divide o mez em duas porções quasi eguaes. Estes tres dias *kalendae*, *nonae*, e *idus* faziam tres secções do mez, em cada uma das quaes se contavam os dias de diante para traz; por exemplo, dizia-se o 4.^o dia antes das *nonas* de Janeiro [2 de Janeiro]; o 4.^o antes dos *idos* de Janeiro [10 de Janeiro]; o 12.^o antes das *kalendas* de Fevereiro [19 de Janeiro]. O dia d'onde se começava a conta entrava nella; assim ao 2.^o dia antes das *nonas* chamavam terceiro *antes* das *nonas*: o dia que precedia immediatamente a um dos pontos d'onde começavam a contar, não se chamava nem primeiro nem segundo, mas *pridie*, vespera.

Nos annos bissextos, como o dia intercalado era não a 29, mas a 25 de Fevereiro, davam-lhe o mesmo nome, que davam ao 24, *sexto dia antes das kalendas* de Março; todavia para o differenciar do 24 chamavam-lhe bissexto [sexto dobrado]; e d'ahi veio a denominação de *bissextos* dada aos annos *intercalares*.

Já dissemos que os romanos não conheciam a divisão dos mezes em semanas de sete dias: comtudo tiveram, segundo parece, uma especie de semana de oito dias (*ogdoades*), no fim da qual se faziam as feiras (*nundinae*). As semanas de sete dias foram introduzidas pelos christãos, que as haviam tomado dos judeus, fazendo nellas uma alteração; que vinha a ser o celebrarem o primeiro dia da semana em lugar do ultimo, em commemoração da resurreição de Christo, succedida ao domingo. Não se sabe com certeza em que epocha a divisão semanal prevaleceu na vida civil; mas vê-se pelas institutas de Justiniano que no 4.^o seculo da nossa era se contava ainda pelas *kalendas*, *nonas* e *idos*.

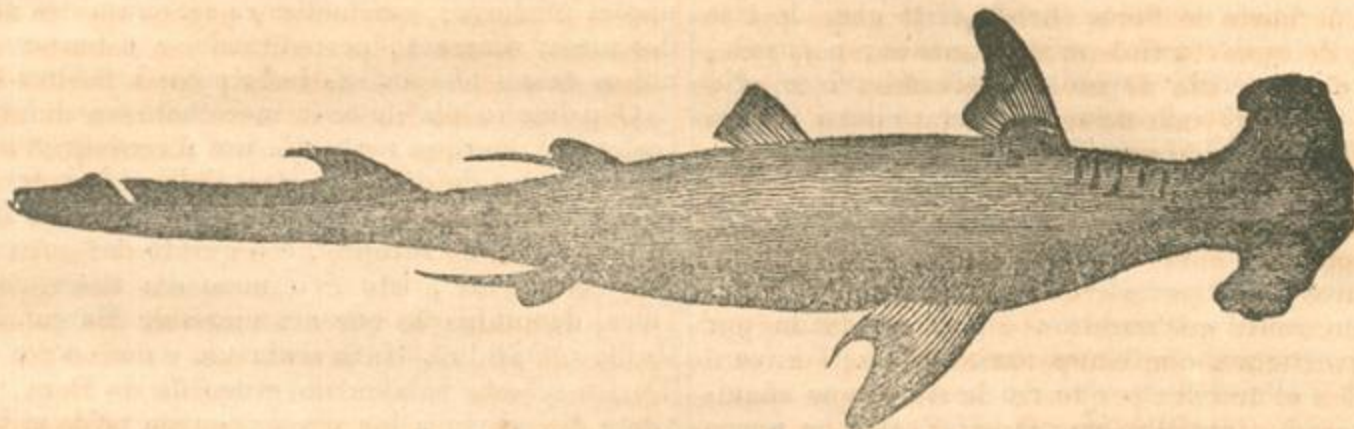
Mas não é menos estranho o modo por que os romanos dividiam o dia e a noite: antes da introdução das horas artificiaes dividiam aquelle e esta por certos phenomenos, que, segundo a sua observação, se renovavam periodicamente, e pelo augmento e diminuição da luz e das trévas. As dezeseis denominações que para essas partes se acham nos escriptores antigos são as seguintes, que bem longe estão de marcarem intervallos eguaes.

Media-nox: meia-noite.

Media-noctis inclinatio — ou *de media nocte*: uma hora depois da meia-noite.

Gallicinium : o cantar dos gallos.
Conticinium : quando os gallos acabam de cantar.
Diluculum, ou *ante lucem* : o arrebol da manhã.
Mane : o nascer do sol.
Ad meridiem : perto do meio-dia.
Meridies : meio-dia.
Meridici inclinatio, ou *de meridie* : uma hora depois do meio-dia.
Solis occasus, ou *suprema* : o pôr do sol.
Vespera : a tarde, o momento em que sae a *hesperus* ou estrella da tarde.

Crepusculum : o crepusculo, de *creper*, palavra antiga, que significa *incerto*.
Prima fax, ou *lumina accensa* : luzes accensas.
Concubium : a deitada, ou hora de deitar.
Intempestiva nox : alta noite.
Ad mediam noctem : perto da meia-noite.
 Esta divisão vaga e incommoda foi a de que os romanos usaram quatro seculos. Quando se inventaram os relogios de sol e de agua, os ricos tinham escravos encarregados de dizer, quando passava uma hora, quantas eram do dia ou da noite.



O PAPANÁ, OU PEIXE MARTELLO.

(*Squalus Zygena*).

EIS-AQUI um peixe de singular configuração; tem a cabeça como um cylindro, posta atravez da direcção do corpo, representando o instrumento fabril, donde lhe veio o nome assaz proprio de *peixe martello*. Os olhos grandes e salientes do animal estão situados nas duas extremidades desta cabeça exquisita. A boca está na parte inferior; é semi-circular, e guarnecida com tres ordens de dentes fortes e agudos em cada queixada; porque este peixe pertence á familia voraz dos *squalos*, em que entram os peixes anjos, as lixas, os tubarões &c. Habita em quasi todos os mares, e é por isso muito conhecido dos navegantes, a cuja attenção particularmente o recommendam a sua original figura, e suas grandes dimensões. Póde chegar a ter 12 a 15 pés de comprimento, e 400 a 500 libras de peso. Prefere as aguas dos climas meridionaes ás dos paizes frigidis, e os fundos de lodo aos d'arêas e pedras. Nas costas entre a França e a Italia no Mediterraneo, apparece nos mezes de Julho, Agosto e Setembro. Tem a carne dura e de mau gosto; mas os figados dão muito azeite, e a pelle é uma famosa lixa. É extremamente voraz, e temivel para os homens, como o tubarão. Pesca-se com fortes anzoes iscados de toucinho ou carne.

A MORTE DO LIDADOR.

1170

I

“PAGENS! que arrieiem o meu ginete murzello; e vós dae-me o meu lorigão de malha de ferro, e a minha boa espada de Damasco.—Senhores cavalleiros, hoje contam-se noventa e cinco annos que recebi o baptismo, oitenta que visto armas, setenta que sou cavalleiro, e quero celebrar tal dia fazendo uma entrada por terras da frontaria dos mouros.”

Isto dizia na salla de armas do castello de Beja Gonçalo Mendes da Maia, a quem pelas muitas batalhas que pelejára, e por seu valor invencivel, chamavam o Lidador. D. Affonso Henriques, depois do

infeliz successo de Badajoz, e feitas pazes com elrei de Leão, o nomeára Fronteiro da cidade de Beja, de pouco conquistada aos mouros. Os quatro Viegas, filhos do bom velho Egas Moniz, estavam com elle, e outros muitos cavalleiros affamados, entre os quaes D. Ligel de Flandres, e Mem Moniz, tio dos quatro Viegas.

“A’ fé, disse Mem Moniz, que a festa de vossos annos, senhor Gonçalo Mendes, será mais de mancebo cavalleiro, que de capitão encanecido e prudente. Deu-vos elrei esta frontaria de Beja para bem a haver de guardar, e não sei eu se arriscado é sair hoje a campanha; que dizem os escutas, chegados ao romper d'alva, que o famoso Almoleimar corre por estes arredores, com dez vezes mais lanças do que todas as que estão encostadas nos lanceiros desta salla de armas.”

“Vóto a Christo — atalhou o Lidador — que não cria eu que o senhor rei me houvesse posto nesta torre de Beja, para estar assentado á lareira da chaminé, como uma velha dona, e espreitar de quando em quando por uma séteira se cavalleiros mouros vinham correr té a barbacan, para lhes cerrar as portas, e ladrar-lhes do cimo da torre da menagem, como usam os villões. Quem achar que são duros de mais os arnezes dos infieis póde ficar-se aqui.

“Bem dicto! bem dicto!” — clamaram, dando grandes risadas, os cavalleiros mancebos.

“Por minha boa espada:” — gritou Mem Moniz, atirando com o guante ferrado ás lagens do pavimento — que mente pela gorja quem disser que eu ficarei aqui, havendo dentro de dez leguas em redor lide com mouros. Senhor Gonçalo Mendes, podeis montar em vosso ginete murzello, e veremos qual das nossas lanças bate primeiro em adarga mourisca.”

“A cavallo, a cavallo!” — gritou outra vez a chusma, com grande alarido.

D'alli a pouco ouvia-se o retumbar dos çapatos de ferro de muitos cavalleiros descendo os degraus de marmore da torre de Beja, e passados alguns instantes soava só o tropear de cavallo, que attraves-

savam a ponte levadiça das fortificações exteriores, que davam para a banda da campanha, onde costumava retouçar a mourisma.

II

Era um dia do mez de Julho, duas horas depois da alvorada, e tudo estava em grande silencio dentro da cerca de Beja: batia o sol nas pedras amareladas dos muros e torres que a defendiam: ao longe, pelas immensas campinas, que avizinham o teso, sobre que a povoação está assentada, viam-se ondear as searas maduras, cultivadas por mãos de agarenos para seus novos senhores christãos. Regados por lagrymas de escravos tinham sido esses campos, quando em formoso dia de inverno os sulcou o ferro do arado; por lagrymas de servos seriam outra vez humedecidos, quando no mez de Agosto a pavêa, cercada pela fouce, pendesse sobre a mão do ceifeiro: chôro de amargura havia ahí, como cinco seculos antes o houvera: então de christãos conquistados, hoje de mouros vencidos: a cruz hasteava-se outra vez sobre o crescente quebrado; os curucheus das mesquitas convertiam-se em campanarios de sés, e a voz do almoaden se trocava por toada de sinos, que chamavam á oração entendida por Deus. Era esta a resposta dada pela raça goda aos filhos do deserto do oriente, que diziam mostrando os alfanges: é nossa a terra d'Hispanha: — o dicto do arabe foi desmentido; mas a resposta gastou oito seculos a escrever: Pelaio entalhou com a espada a primeira palavra della nos cerros das Asturias; a ultima gravaram-na Fernando e Isabel com os pelouros de suas bombardas nos pannos das muralhas da formosa Granada: e a esta escriptura, estampada em alcantís de montanhas, em campos de batalha, nos portaes e torres dos templos, nos lanços dos muros das cidades e castellos, accrescentou no fim a mão da providencia: — “assim para todo o sempre!”

Nesta lucta de vinte gerações andavam lidando as gentes do Alemtejo: o servo mouro olhava todos os dias para o horisonte, onde se enxergavam as serranias do Algarve: de lá esperava elle salvação, ou ao menos vingança; — ao menos um dia de combate, e corpos de christãos estirados na veiga para pasto de açores bravios: a vista de sangue lhes enxugava por algumas horas as lagrymas, embora os valentes de Affrica houvessem de fugir vencidos; embora as aves de rapina tivessem tambem abundante ceva em cadaveres de seus irmãos! — E este ameno dia de julho devia ser um desses dias por que suspirava o servo ismaelita.

Almoleimar descera com seus cavalleiros ás campinas de Beja: pelas horas mortas da noite viam-se as almenáras de suas atalaias nos pincaros das serras remotas, semelhantes ás luzinhas, que em descampados e tremedacs accendem as bruxas em noites de seus folguedos: bem longe estavam as almenáras, mas bem perto sentiam os escutas o resfolegar, e o tropear de cavallos, e o ranger de folhas seccas, e o tinir a espaços de alfange batendo em ferro de canelleira, ou de coxote. Ao romper d'alva os cavalleiros do Lidador saíam mais de dois tiros de bésta além das velhas muralhas de Beja; tudo, porém, estava em silencio, e só aqui e alli as searas calcadas davam rebate de que por aquelles sitios tinham vagueado cavalleiros mouros, como o leão do deserto rodea pelo quarto de modorra as habitações dos pastores além das encostas do Atlas.

No dia em que Gongalo Mendes da Maia, o velho fronteiro de Beja, cumpria seus noventa e cinco annos, ninguem saíra, pelo arrebol da manhaã, a

correr o campo; e todavia nunca tão de perto chegára Almoleimar: uma frecha fôra pregada á mão em um grosso carvalho, que sombreava uma fonte, a pouco mais de tiro de funda dos muros do castello. Era que nesse dia deviam ir mais longe os cavalleiros christãos: o Lidador pedira aos pagens o seu lorigão de malha de ferro, e a sua boa espada de Damasco.

III

Trinta fidalgos, flôr da cavallaria, corriam á redea solta pelas campinas de Beja: — trinta, não mais, eram elles; mas orçavam por trezentos os homens d'armas, escudeiros e pagens que os acompanhavam. Entre todos avultava em robustez e grandeza de membros o Lidador, cujas barbas brancas ondeavam como frocos de neve sobre a dianteira de sua cota d'armas, e o terrivel Lourenço Viegas, a quem pelos espantosos golpes da sua espada chamavam o Espadeiro. Era formoso espectaculo o esvoaçar dos balsões e signas, fôra de suas fundas, e soltos ao vento; a alvura lampejante dos capellos de ferro brunido; as côres variegadas das cotas; e as ondas de pó, que se levantavam debaixo dos pés dos ginetes, como as alevanta o bulcão de Deus, varrendo a face de campina resequida, em tarde ardente de verão.

Ao largo — muito ao largo — dos muros de Beja vae a atrevida cavalgada em demanda de mouros; e no horisonte não se veem senão os topos pardozulados das serras do Algarve, que parecem fugir tanto quanto os cavalleiros caminham. Nem um pendão mourisco, nem um albornoz branco alveja ao longe sobre um cavallo murzello. Os corredores christãos volteam na frente da linha dos cavalleiros, correm, cruzam para um e outro lado, embrenham-se nos matos, e transpõem-os em breve; entram pelos canaveaes dos ribeiros, apparecem, somem-se, tornam a sair ao claro: mas no meio de tal lidar apenas se ouve o trote compassado dos ginetes, e o grito monotono da cigarra, pousada nos raminhos da giesteira bravia.

A terra que pisam é já de mouros — é já além da frontaria: se olhos de cavalleiros portuguezes soubessem olhar para traz indo em som de guerra, os que para traz de si os volvessem a custo enxergariam Beja. Bastos pinhaes começavam já a cobrir mais ondeado territorio, cujos outeirinhos aqui e alli se alteavam suaves como seio de virgem em viço de mocidade. Pelas faces tostadas dos cavalleiros cubertos de pó corria o suor em bagas, e os ginetes alagavam d'escuma as redes de ferro, acareladas d'ouro, que os defendiam. A um signal do Lidador a cavalgada parou: era necessario repousar; que o sol ía no zenith e abrazava a terra: descavalgaram todos á sombra de um azinhal, e sem desenfrear os ginetes os deixaram pascer alguma relva, que crescia nas bordas de um arroio visinho.

Tinha passado meia hora: por mandado do velho Fronteiro de Beja, um almogavar montou a cavallo e á redea solta se aproximou de uma selva extensa, que corria á mão direita: pouco, porém, correu; uma setta despedida do bosque sibilou no ar: o almogavar gritou por Jesus: a setta se lhe embebera no lado: o cavallo parou de repente, e elle erguendo os braços ao ar com as mãos abertas, caiu de bruços e rolou para o chão, e o ginete partiu desenfreado atravez das veigas e desapareceu na selva. O almogavar dormia o ultimo somno dos valentes, em terra de inimigos; e os cavalleiros da frontaria de Beja viram o seu trance do repousar eterno.

“A cavallo! a cavallo! — bradou a uma voz toda

a lustrosa companhia do Lidador; e o tinido dos guantes ferrados, batendo na cobertura de malha dos ginetes, soor, unisono, quando todos os cavalleiros cavalgaram de um pulo: — e os ginetes rincharam de prazer, como aspirando os combates.

Uma grita medonha troou ao mesmo tempo além do pinhal da direita. "Allah! — Almoleimar! era o que dizia a grita.

Enfileirados em uma longa linha os cavalleiros arabes saíram á redea solta de traz da escura selva que os encubria: o seu numero excedia cinco vezes o dos soldados da cruz: as suas armaduras lisas e polidas contrastavam com a rudesa das dos christãos, apenas defendidos por pesados cascos de ferro, e por grossas cotas de malha do mesmo metal: mas as lanças destes eram mais robustas, e as suas espadas mais volumosas do que as cimitarras mouriscas: a rudesa e força da raça gothico-lusitana ía ainda mais uma vez provar-se com a destresa e pericia árabe.

(Concluir-se-ha).

MODO DE COLHER E SECCAR AS PLANTAS MEDICINAES.

HA um grande numero de plantas que servem para remedios caseiros, e que na estação, em que crescem, convem apanhar e guardar. Taes plantas devem ser colhidas e arrecadadas por certa maneira, para poderem servir de verdadeiro proveito.

De todas estas devem escolher-se as mais vigorosas, e apanhar-se quando estão em melhor estado, que é particularmente o tempo, em que a flôr lhes começa a abrir. Não ha excepção desta regra senão em um diminuto numero de plantas, taes como as malvas, e o malvarisco [althéa]. Estas são mais salutíferas quando se apanham tenras, e antes de espigarem. Tambem, por via de regra, quando só as folhas de qualquer planta servem, devem-se colher antes de lhes crescer o talo, porque depois fazem-se ligneas e duras.

Varios auctores antigos, e até alguns modernos assentam que se devem seccar as plantas pouco a pouco, pondo-as em uma corrente de ar e á sombra, com o receio de que se dissipam muito as particulas volateis, se houve de empregar-se o calor do sol para este fim; mas a experiencia e a observação tem ensinado que tal methodo é defeituoso. As plantas durante esta discação lenta, passam por alterações que lhes destroem a côr e o cheiro: amarelecem mais ou menos, e tomam a côr de folhas velhas, como succede ao escolopendro ou lingua da vacca; outras, como a herba cidreira, a betonica, a borragem &c., fazem-se negras passando alguns dias, e parecem estrume, perdendo ao mesmo tempo toda a virtude.

O meio de obviar a estes inconvenientes é recorrer ao calor, ou ao de uma estufa aquecida a 50 ou 60 gráus do thermometro. Póde tambem servir para isto o por as plantas em cima d'um forno de padeiro, ou de pasteleiro.

As plantas apanhadas em tempo enxuto e sereno, depois de nascer o sol, e quando já seccou o orvalho da noite, devem limpar-se de todas as plantas estranhas e folhas velhas. Depois estendem-se em cima d'esteiras forradas de papel pardo, e põe-se a seccar por algum dos modos que já dissemos. Mechem-se muitas vezes pelo dia adiante, e deixam-se no mesmo calor, até estarem perfeitamente seccas, o que se conhece vendo que perderam toda a flexibilidade, e que se quebram apenas se lhes bole. Deixam-se, então, algum tempo á sombra, onde tornam a ga-

nhar uma especie d'humidade, que basta para impedir que se quebrem quando se pega nellas. Mettem-se depois disto em caixas, onde estejam resguardadas do pó e da humidade.

As plantas seccas pelo modo, e com o cuidado que havemos indicado, conservam a côr viva e brilhante, e além disso, o cheiro. É por estas duas circumstancias essenciaes, que se conhece se estão ou não em bom estado.

As plantas contem sempre, mais ou menos alguma terra, e insectos, que nellas depositaram ovos, de que pódem vir a nascer novos insectos, que as comam, e reduzam a tal estado, que seja necessario deita-las fóra antes de se poderem apanhar outras. Convem, portanto, separar dellas tudo o que as póde estragar, o que se alcança mechendo-as e sacudindo-as sobre uma peneira grossa de crina, atravez da qual passem as particulas nocivas. Esta operação é essencialissima; mas não se deve fazer, sem as plantas terem amollecido alguma cousa, aliás corre-se o risco de as esmigalhar.

AMOR DE UMA MULHER.

NA obra intitulada *Anecdotes da Familia Percy*, antigo manuscripto, publicado em 1820, entre muitas curiosidades se lê a seguinte noticia ácerca da mãe do famoso arcebispo Thomaz à Beckett, conhecido no orbe catholico pelo nome de S. Thomaz de Cantuaria, e que tão notavel papel faz na historia ingleza da idade média.

O pae de Thomaz à Beckett, que chegou a ser um dos mais ricos burguezes de Londres, chamava-se Gilberto, e serviu, na sua mocidade, como soldado nas guerras das cruzadas. Tendo sido aprisionado, ficou escravo de um emir ou principe saraceno. Pouco a pouco foi merecendo a confiança de seu senhor, e chegou a ter entrada e privação com elle, e nesta intimidade achou uma pessoa que o amou: — era esta uma filha do emir. Não se sabe ao certo como, passados tempos, elle pôde fugir; sabe-se, porém, que tornou para Inglaterra. Não tardou em segui-lo a pobre rapariga que o amava: sabia a moura apenas duas palavras inglezas, *London*, e *Gilbert*. Repetindo a primeira, pôde arranjar passagem a bordo de um navio, aportar em Inglaterra, e chegar á capital. Recorreu depois ao outro talisman, e começou a andar pelas ruas repetindo a palavra *Gilbert*. Por onde quer que passava, o povo se apinhava ao redor della, e lhe fazia mil perguntas, a que não podia responder, senão repetindo mil vezes *Gilbert*. Não foi vã a sua esperança neste nome. O acaso, ou a constancia de correr todas as ruas a trouxe, emfim, áquella em que morava, já com grande abastança, o homem que na escravidão lhe captivára os affectos. O muito povo, que seguia sempre a formosa moura, deu azo a que chegasse á janella um creado de Beckett, que estivera com elle na Palestina, e que logo conheceu a filha do emir. Gilberto correu a abraçar a princesa, que só com um nome querido soubera encontrar seu amante; e no dia seguinte ella era sua mulher.

A MANCENILHEIRA.

A MANCENILHEIRA, ou *mancenillier* é uma arvore das Antilhas, em cujas praias areentas nascem bosques inteiros de taes arvores, cujo fructo se parece com as mais bellas castas de maçãs da Europa, na figura, tamanho, cheiro e côr, por tal maneira, que

tentam a come-las quem ignora que estes pomos são um veneno perigoso, e ás vezes mortal. Toda a superficie da arvore é tão peçonhenta que as pingas de chuva, que, depois de terem passado por cima das folhas, caem sobre a pelle de qualquer pessoa, levantam logo empolas. Affirmam até que a atmosphera está impregnada de miasmas deleterios debaixo destas arvores, e que se corre risco de morrer, adormecendo á sombra dellas. A natureza, porém, pôz ao pé do mal o remedio.

Quasi em todas as partes, onde se dá a mancenilheira, ha cedros brancos, que enlaçam os ramos com os da arvore cujo antidoto são. É esta casta de cedro uma formosa e corpulenta arvore; e o succo das suas folhas tomado interiormente, quando houver a imprudencia de comer o fruto venenoso, é tambem um antidoto prompto e certo; dissipa as dores, e previne as consequencias do envenenamento, e cura immediatamente as bolhas que o sumo acre do pomo levanta na boca e no esophago. Basta mastigar as folhas, para não perder o tempo que se gasta em exprimer o succo.

Outro antidoto contra a peçonha da mancenilheira é a agulha do mar, em cujas praias a arvore se dá exclusivamente. Basta mergulhar-se nella, e engulir uma pouca, para neutralisar todos os effeitos do veneno, com tanta certesa e brevidade, como quando se toma o sumo das folhas do cedro branco. — *Memorias da Sociedade de Physica de Genebra.*

OS KENNEDIES.

DEPOIS da batalha de Culloden, entre os partidarios da raça dos Stuards e os da actual dinastia reinante d'Inglaterra, que estes ganharam, offereceu-se uma recompensa de trezentos mil cruzados a quem quer que descubrisse ou entregasse o moço pretendente vencido. Tinha-se elle entregado á guarda dos kennedies, que eram dois ladrões d'estrada, os quaes o protegeram fielmente. Roubaram para o sustentarem, e muitas vezes iam disfarçados á cidade d'Inverness comprar as cousas de que elle necessitava. Passados muitos annos um destes dois homens, que tinha resistido á tentação de trezentos mil cruzados, para não quebrar a sua palavra, e violar a hospitalidade, morreu enforcado pelo roubo de uma vacca avaliada em 6:000 réis. Prova de que até entre ladrões pôde haver pontos d'honra.

OBSERVAÇÕES SOBRE AS CINZAS.

O SAL que se extrahê da lexivia da cinza de lenha, evaporado até ficar bem secco, chama-se *salino*; da-se a este mesmo sal o nome de *potassa*, quando por via da calcinação se faz branco; e chama-se *soda* ás cinzas assim tambem preparadas, e feitas de plantas colhidas nas praias do mar. As plantas herbaceas produzem mais cinza, que as plantas ligneas; isto é as hervas mais que a madeira. O ulmeiro dá mais que o carvalho, e este que o bordo, ou a faia.

Julgam-se boas cinzas as que dão dez libras de potassa por cada cem: as cinzas de madeira que esteve de molho, contem tanta potassa menos, quanto mais foi o tempo que a madeira esteve na agua. As madeiras resinosas são geralmente as que teem menos potassa; mas é erro crer que a lenha podre tem pouco salino. A experiencia mostra que tem o dobro, o que é de grande proveito para as fabricas; visto o preço modico de semelhante lenha de que ninguem faz caso.

Um dos melhores meios de alcançar, em grande abundancia e em qualquer parte, cinzas bem cheias de potassa, consiste em fazer seccar, antes que tenham a semente feita, todas as hervas, que se cortam nos campos ou nas quintas, e que o gado não quer comer, principalmente as amargas, e reduzi-las a cinzas no fim do verão.

Quem habitar nas visinhanças do mar, pôde seccar e queimar as plantas maritimas, e terá cinzas mui cheias de soda. A relva secca, as vides, o bagaço das uvas dão tambem cinzas d'excelente qualidade: a turfa dá dez libras de cinza por cada cem, e por meio da lixiviação duas onças de potassa.

COMPRIMENTO E NUMERO D'ARCOS DAS PRINCIPAES PONTES DA EUROPA.

	Comprimento.	Arcos.
Ponte sobre o Aleantara [Arcos das Aguas-livres] [Portugal]	2464 pés	35
D. ^a de Lyão sobre o Rhodano [França]	1700	19
D. ^a de Bordéus sobre o Garonna [d. ^o]	1593	17
D. ^a de Burton sobre o Trent [Inglaterra]	1545	34
D. ^a do Elba em Dresda [Alemanha]	1490	16
D. ^a de Waterloo [Inglaterra]	1326	9
D. ^a de Westminster [d. ^o]	1220	15
D. ^a d'Orleans sobre o Loire [França]	1100	9
Ponte Nova em París [d. ^o]	1020	12
D. ^a de Blackfriars [Inglaterra]	995	9
Ponte de Londres [d. ^o]	900	5
D. ^a de Southwark [d. ^o]	850	3
D. ^a de Vauxhall [d. ^o]	806	9
D. ^a de Neully [França]	724	5
D. ^a de Trenton sobre o Delaware [Inglaterra]	716	5
D. ^a de Menai [d. ^o]	560	3
Ponte Nova em Turim [Italia]	525	—
D. ^a della Trinitá em Florença [d. ^o]	480	3
Ponte Rotto em Roma [d. ^o]	395	5
D. ^a de Schaffhausen sobre o Rheno [Alemanha]	390	1
D. ^a de Schuykill, ou o Colosso [Inglaterra]	340	1
D. ^a de Kamenomoist em Moscow [Russia]	340	6

Estas são as maiores pontes da Europa, cuja medida é sabida. No Estado de Nova-York, na America Inglesa, ha duas mais notaveis ainda. Uma é a ponte de Cartago sobre o Genesse, que tem um arco de 713 pés de comprido, 30 de largo, e 196 de elevação acima do lume d'agua; tendo sido feito este espantoso arco em nove mezes por vinte e dois obreiros. A outra é a ponte de Montezuma, sobre o Seneca, a qual atravessa uns grandes paúes, tendo de comprimento tres milhas, e vindo, assim, a ser a mais comprida ponte, que se conhece.

EXTRACÇÃO DE QUALQUER CORPO ESTRANHO INTRODUIDO NOS OLHOS.

TANTO que um corpo estranho se introduz entre as palpebras, e pôde offender gravemente a vista, ou pela sua natureza, ou pela sua fórma, tira-se facilmente, puxando para cima a palpebra superior e inclinando a cabeça para diante. Tendo, assim, o olho em repouso alguns instantes, sente-se correr

um fluxo de lagrymas, pelo qual é arrastado o corpo estranho, ou pelo menos corre para o canto interior do olho, d'onde levemente se tira com a ponta de um lenço, ou melhor com uns fios de linho.

Se esta operação não basta, corre-se o dedo de vargão, e muitas vezes por cima da palpebra, desde o canto de fóra até o canto interior, o que obriga o argueiro a cair.

Emfim, quando este meio falha, levanta-se a palpebra superior, e affasta-se do globo do olho o mais que é possível: volta-se este, como quem olha para o nariz, e passa-se pelo vão que fica de permeio um pincelzinho molhado em nata de leite, correndo-o do canto exterior para a glandula lachrymal: assim sairá forçosamente o argueiro. Se estiver cravado na túnica do olho o melhor é chamar um cirurgião, que o arranque com o instrumento proprio para semelhante operação.

Em todos os casos deve haver toda a cautella em não esfregar os olhos com a mão, como se faz quasi sempre; e se foi cal, algum sal corrosivo, tabaco, ou pimenta que penetrou nos olhos, não se devem banhar estes, antes da extracção do corpo estranho, porque os banhos não fazem senão espalhar mais a causa do mal, e augmentar o perigo. Depois de se ter tirado o argueiro, ou o que fôr, é que se deve lavar o olho para acalmar a inflammação.

Os CAPI-TCHOADARS.

Os TURCOS teem uma instituição, digna de ser imitada em todas as monarchias militares e absolutas, onde se hajam de *centralisar* os negocios na capital, e onde se destituam frequentes vezes os administradores de provincias. É esta instituição a dos Capi-Tchoadars, especie de agentes dos pachás, munidos, não de cartas de crença, mas de saccoes cheios de ouro, de joias, e de objectos preciosos: são estes os advogados e procuradores dos proconsules mahometanos para com o *devlet* ou ministerio. Mestres de enredos, fazem estes homens, nos negocios do gabinete ottomano, o papel de observadores, de referendarios particulares, e de agentes da diplomacia secreta daquelles que lhes pagam. Assim todos os Capi-Tchoadars teem uma cifra especial para a sua correspondencia. Além disso, cada um delles tem ás suas ordens um *saraf*, ou judeu traficante, entendido em negocios de letras e cambios; um *devictar*, ou escrivão, para as escripturas em turco; espias gregos, que lhe dão miuda relação do que se passa no gabinete dos ministros, e nas conversações politicas da côrte. Por via destes agentes os pachás, que estão de serviço, e aquelles que receiam, tendo perdido o seu lugar, apparecer em Constantinopola, negoceiam a compra de novos empregos, ou a confirmação daquelles que já teem; e o ouro, que puzeram á disposição dos Capi-Tchoadars, lhes facilita os meios de saber os segredos do estado. Ha correios tartaros, que estes agentes expedem aos seus mandatarios para os avisarem de tudo o que lhes importa saber. Muitas vezes recebem primeiramente por esta via as ordens que o *devlet* lhes transmite, e ainda mais vezes são prevenidos a tempo dos perigos a que estão expostos. Por via destes mesmos agentes os pachás mandam entregar no thesouro imperial os tributos das provincias, porque em nenhuma parte da Turquia ha recebedores das rendas publicas: encarregam-os de entregarem os seus *azzugals* ou requerimentos, e as correspondencias e notas que enviam aos ministros, cujas respostas e decisões tambem por via delles recebem.

ANIMAES FABULOSOS.

SABE-SE que ha certo numero de especies d'animaes, descriptas pelos antigos, e cuja existencia os naturalistas modernos lançam em conta de chimeras, porque a sua fôrma parece ser contraria ás leis geraes da natureza. Todavia, de tempos a tempos, tem-se lido nos jornaes annuncios do apparecimento de entes vivos dessas especies. Em um numero do *Quarterly Review* de 1820 diz-se que appareceram licornios nas montanhas do Thibet proximas da china e do reino d'Achem, e que lhes chamavam naquelle paiz *tsoopa*. No *Star* do mesmo anno publicou-se o seguinte artigo. "Uma dessas curiosidades naturaes, cuja existencia é ponto de honra negar para muita gente, e que se chamam *syrenas* foi trazida de Benculen [na ilha de Sumatra] pelo capitão J. C. Ross, do navio *Vigo*, que actualmente está ancorado no Tamisa. A figura do animal é perfeitamente a de uma pessoa perfeita, desde a cabeça até meio corpo, e o resto é uma cauda de peixe, semelhante á do golfinho." Esta noticia de um facto extraordinario, que qualquer podia examinar, não deixa de ter força. Mas cada qual pensará a esse respeito o que quizer.

Preparação da mostarda. — A mostarda dá-se excellentemente em Portugal, e nós a temos visto tão corpulenta e viçosa, como em França: todavia estamos comprando este genero, que tem um consumo bastante grande, aos estrangeiros, podendo não nos vir de fóra um só grão della, porque os modos de a preparar são tão simples, que qualquer o póde fazer. Eis os dois methodos, que, para isso, se usam em França, e que já muitas pessoas seguem em Portugal.

1.º Colhida a semente, lava-se em duas aguas, escorre-se, e põe-se em um vaso a inchar; depois deita-se em um gral, e pisa-se deitando-lhe uma pequena porção de vinagre. Quando a massa está bem fina, passasse por uma peneira de crina, tempera-se com sal, e mette-se em vasos de vidro ou de barro, bem rolhadas para não se estragar.

2.º Moe-se ou pisa-se a semente secca, peneira-se secca, e guarda-se, misturando-se com o vinagre só quando se quer fazer uso della: mas devem-se deixar passar quinze dias, depois de preparada, sem usar della.

Podem-se ajunctar á mostarda muitas outras cousas para a tornar mais agradável, como cravo, cebolla &c. &c. Para isso é preciso reduzir a mistura a pó, ou massa, segundo a sua natureza; e só depois disto é que se ajuncta com a mostarda.

Além disto, as folhas da mostarda dão uma excellente hortaliça.

USAE para com os afflictos de palavras d'entranhavel amor, que temperam o amargor das lagrymas. Não ha ahi padecimentos que não abrande a sympathia. As tristesas da vida, desvanecem-as os raios do amor fraterno, bem como pela alvorada os primeiros raios do sol derretem a geada no outono. — *Lammennais*.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora
[dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo
N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.